

FUTEBOL E SOCIEDADE: ESCOLHAS LINGÜÍSTICAS REVELANDO VISÕES DE MUNDO

Yasmin Vitória Pinho Ramon (IFRJ)
yasmin.v.pinho@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar se o futebol é uma instituição machista e analisar de que modo as escolhas linguísticas contribuem para essa estética. Portanto, foi escolhido estudar capas de jornais e revistas (de 1941 a 2021), que estampam manchetes de futebol, pois esse meio de comunicação acompanha a evolução desse esporte mais de perto, por ser mais antigo que a *internet*, por exemplo, mais abrangente e carregar uma linguagem chamativa dirigida a um público específico. Com isso, foi possível comparar o que mudou na linguagem em 38 anos para que as mulheres conquistassem esse espaço e observar o machismo presente por meio dessa linguagem e das imagens nas capas.

Palavras-chave:

Futebol. Linguagem. Machismo.

ABSTRACT

This article aims to investigate if football is a sexist institution and analyze how linguistic choices contribute to this aesthetic. Therefore, it was chosen to study newspaper and magazine covers (from 1941 to 2021), which feature football headlines, as this means of communication follows the evolution of this sport more closely, as it is older than the internet, for example, more comprehensive and load a catchy language aimed at a specific audience. With this, it was possible to compare what has changed in language in 38 years for women to conquer this space and observe the machismo present through this language and the images on the covers.

Keywords:

Football. Language. Machismo.

1. Introdução

O futebol surgiu no Brasil no século XIX. Atualmente abrange milhões de praticantes no país (Cf. FERRAREZI, 2015). Esse esporte está massivamente presente nos meios de comunicação, sendo um grande representante da cultura nacional. Ele possui uma linguagem própria, a qual está fortemente enraizada na sociedade brasileira. Esta é repleta de neologismos (“timaço”, “boludo”, “vascudo”); trocadilhos (“Muralha”, “selefla”, “Rodilindo”); figuras de linguagem (“a bola explodiu no travessão”, “o Brasil entrou em campo”) e traz termos que aludem à guerra (“ataque”, “artilheiro”, “defesa”) – os quais para Rocha (2020) exercem

uma função cognitiva além da função estética. Contudo, apesar de o futebol e sua linguagem estarem presentes no cotidiano brasileiro, excluem-se as mulheres, que foram por 38 anos (1941 a 1979) proibidas de praticarem o esporte, assim como social, histórica e culturalmente elas foram alijadas da guerra, da política, de posições de liderança ou independência com o argumento de que esses cenários fogem da “natureza feminina”, segundo o presidente Vargas sobre o futebol feminino.

Atualmente, já é permitida a presença das mulheres nesses ambientes, embora exista ainda o preconceito, como podemos observar na fala do ex-técnico do São Paulo já em 2014: “Aqui é jogo para homens, não tem lugar para meninas”. Por isso, a hipótese que fundamenta a pesquisa é que o ambiente futebolístico, produzido pela linguagem utilizada para referenciá-lo, contribui para que mulheres não sejam acolhidas, ou mesmo aceitas nesse cenário, pois, de acordo com Ferrarezi (2010), “a língua está diretamente relacionada à cultura e a visão de mundo dos falantes”.

Portanto, o objetivo da pesquisa é analisar como a linguagem do futebol atua para que as mulheres sejam excluídas desse esporte e equiparar a mudança desse vocabulário paralelo à aceitação das mulheres nesse ambiente. Para fazer essa análise, comparamos a linguagem existente nas manchetes de futebol dos jornais e revistas antigas com a dos jornais e revistas atuais (1941 a 2021). Desse modo, conseguimos estudar como as palavras e as imagens eram abordadas antigamente quando se proibiam as mulheres no mundo do futebol e como elas vêm sendo abordadas hoje em dia ao passo que as mulheres estão conquistando, mesmo que timidamente, esse espaço.

Ao observar que, historicamente, as mulheres foram proibidas de jogar futebol e que ainda hoje existem cenários que demonizam a participação delas no ambiente futebolístico, verifica-se que essa é uma instituição machista. Também, ao analisar as escolhas linguísticas dentro do esporte, a formação das palavras e neologismos que surgem com os falantes e praticantes do futebol, além de uma linguagem bélica muito presente, deduzimos que isso contribui diretamente para a exclusão das mulheres nessa modalidade: “a língua está diretamente relacionada à cultura e a visão de mundo dos falantes”, conforme Ferrarezi (2010).

Por essa questão, foi decidido pesquisar capas de revistas e jornais, de 1941 a 2021, que estampam manchetes do futebol, pois esse meio de comunicação acompanha a evolução do futebol mais de perto, por ser mais antigo que a internet, por exemplo, mais abrangente e carregar uma linguagem chamativa dirigida a um público. O objetivo deste es-

tudo é comparar a linguagem presente nas capas antigas com as atuais, observando o que mudou desde a proibição factual das mulheres nesse esporte até a aceitação das mesmas nesse ambiente. Desse modo, objetivamos averiguar se hoje existe o machismo e a objetificação delas no futebol, e como a língua contribui para que isso aconteça.

2. Desenvolvimento

Para melhor representar a pesquisa, seis capas foram escolhidas, entre do período de 1941 a 2021.

2.1. Análise de dados

Figura 1: Manchete de 1941, ano do decreto de proibição.



Figura 2: Revista Placar, edição N° 1106. 1995.



Figura 3: Revista Placar, edição Nº 1119. 1996.



Figura 4: Revista Só Futebol. Ano 1- número 4- 2014.



Figura 5: Jornal Manaus Hoje, 2016. Torneio Internacional de Manaus.



Figura 6: Jornal Meia Hora, 2021.



Ao fazer essa comparação, pode-se perceber uma objetificação clara nas primeiras três capas. A primeira é em 1941, no dia da proibição, dizendo “pé de mulher não foi feito para se meter em shooteiras

³⁵”. A segunda é em 1995, quando as mulheres já são permitidas legalmente no futebol, mas podemos observar o foco no corpo delas. Não são jogadoras de verdade, são modelos posando seminuas para uma revista esportiva, sem mostrar o rosto, e embaixo uma linguagem pejorativa as objetificando, falando sobre corpo e roupa, ou seja, nos mostra que não é do interesse da revista falar sobre o talento das jogadoras. Assim, as atletas eram, muitas vezes, escolhidas para entrar em um time de acordo com sua beleza e posavam nuas no calendário do final de ano.

A terceira capa, de 1996, já mostra uma jogadora, Susana Werner, mas, mesmo assim, destaca o seu corpo, com ela seminua na capa, dizendo “acredite, ela joga BOLA”. Por que seria difícil de acreditar? A quarta capa já é de 2014, mais atual, com uma atleta de verdade, Fernanda Colombo, sem estar seminua, mas a linguagem é a mesma da anterior: “ela bate um BOLÃO”. Uma linguagem de duplo sentido, e, mesmo tendo se passado 18 anos (1996 a 2014), a frase é parecida, substituindo o nome delas pelo pronome “ela”, o que pode as objetificar mais ainda. Também se nota que o seu nome, tanto quanto o de Susana Werner não se destaca, enquanto o nome do jogador Bebeto destaca-se fortemente na figura 3. A quinta capa é de 2016, com a notícia de um campeonato internacional, na qual a foto é de jogadoras de verdade, com seus uniformes, sem marcar o corpo, mas a linguagem é completamente conotativa,

³⁵ Essa era a grafia da época; hoje, escreve-se chuteira.

com um sentido sexual: “Meninas dão de quatro”. A última capa é de 2021, mas no canto superior esquerdo mostra a imagem da filha do treinador Renato Portaluppi de biquíni, dizendo “ah se a Carol desse mole igual ao time do Renato”.

2.2. Resultados

Para Hall (2006), os ambientes são formados pela ideia de masculinidade e feminilidade. Para um poder se firmar, ele necessita do outro. Por isso, “nós, como sujeitos, não criamos ou causamos as instituições, os discursos e as práticas, mas eles nos criam ou causam, ao determinar nosso sexo, nossa sexualidade, nosso gênero” (Ibidem). Geralmente, os esportes e o futebol, especificamente, acabam produzindo valores e representações que se relacionam intensamente à masculinidade. Pode-se entendê-los como uma das organizações androcêntricas e generificadas dessa cultura.

Por exemplo: “Os homens jogam futebol, enquanto as mulheres jogam futebol feminino.”. Automaticamente, há uma naturalização do esporte ser praticado por homens, tratando-se da falta de adjetivação. Normalmente, as adjetivações são conferidas aos homens quando eles não se adequam às representações viris da masculinidade esportiva; assim como diversos conteúdos são didaticamente ensinados nos estádios seja por cânticos, xingamentos ou performances que conseqüentemente produzem um fundamento de atitudes substanciais para a apreciação estética dos eventos nesse ambiente.

Por isso, acredita-se que a estética das capas de jornais e revistas vendem para esse público masculino, apresentando uma linguagem machista, a qual sexualiza e objetifica as mulheres.

3. Metodologia

A pesquisa das capas foi através dos sites: Ludopédio, Lance!, Meia hora e Google imagens. Foram analisadas diversas capas, nos períodos de 1941 a 2021. Para melhor representar a pesquisa, seis capas foram escolhidas.

Como aporte teórico foi utilizado o artigo “A influência do futebol no léxico do português brasileiro”, por Júnior C. Ferrarezi e H. de Oliveira (2015) e o artigo “Representações sobre as mulheres nos estádios

de futebol”, por Gustavo Andrada Bandeira e Fernando Seffner. O primeiro texto trouxe um olhar voltado para a língua em si e para as questões morfológicas, enquanto o segundo carrega uma visão social e histórica, relatando acontecimentos e práticas machistas dentro dos estádios.

4. Considerações finais

Com essa pesquisa, foi possível perceber que há machismo nesse ambiente esportivo e que, apesar da conquista evolutiva feminina nesse espaço, ainda há uma sexualização e objetificação das mulheres no mundo do futebol. É perceptível o uso da linguagem para introduzir essa ideia machista e entregar uma estética masculina. No entanto, é uma questão que se coloca, muitas vezes, de forma sutil e, aparentemente, vai demorar mais alguns anos para se quebrar esse preconceito totalmente, pois se observa que esse processo de legalização, aceitação e legitimação do futebol para as mulheres demorou muito tempo. Na verdade, ainda há um processo longo tendo em vista uma evolução nessa questão social / esportiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDEIRA, Gustavo Andrada; STEFFNER, Fernando. Representações sobre mulheres nos estádios de futebol. *Mosaico*, v. 9, n. 14, p. 284-301, 2018.
- DE OLIVEIRA, Helieucio; JUNIOR, Celso Ferrarezi. A Influência do Futebol no Léxico do Português Brasileiro. *Revista (Entre Parênteses)*, v. 4, n. 1, 2015.
- FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? : Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista brasileira de história*, v. 25, p. 315-28, 2005.
- MARTINELLI, Andréa. Há quarenta anos mulheres ainda eram proibidas de jogar futebol no Brasil. *Ceert*, 16 de jun. de 2019. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/esporte/24992/ha-40-anos-mulheres-ainda-eram-proibidas-de-jogar-futebol-no-brasil>. Acesso em: 29 de Jul. de 2021.
- ROCHA, Carlos Renato Mascoto. A linguagem bélica do futebol: a metáfora conceptual futebol é guerra. *FuLiA/UFMG*, v. 5, n. 1, p. 8-25, 2020.

LISTA DE FIGURAS:

Figura 1 – Manchete de 1941, ano do decreto de proibição

Figura 2 – Revista Placar, edição N° 1106. 1995

Figura 3 – Revista Placar, edição N° 1119. 1996

Figura 4 – Revista Só Futebol. Ano 1- número 4- 2014

Figura 5 – Jornal Manaus Hoje, 2016. Torneio Internacional de Manaus

Figura 6 – Jornal Meia Hora, 2021